



EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE AS DIVERSIDADES DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

Maria Lidiane Silva Costa de Almeida ¹

Douglas Vieira de Almeida ²

Valéria Campos Cavalcante ³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar questões referente a prática pedagógica contemporânea, levando em consideração as diversidades dos estudantes, numa perspectiva de (re)orientação dos princípios educacionais adaptados às necessidades reais dos estudantes, marcada pela pluralidade de demandas e novas configurações em torno dos processos de ensinar e de aprender, e sobretudo de lidar com as diversidades dos educandos, e os desafios que ela nos traz na relação com o outro, alicerçando aprendizagens significativas no âmbito escolar. Propõe-se refletir de que maneira as escolas estão possibilitando uma educação dialógica, ética e libertadora que respeite as diversidades dos estudantes, sobretudo dos jovens. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual a discussão que surge é a continuação da afirmação de autores que já dissertaram sobre o tema. O estudo constatou sob o prisma Freireano que a educação deve ser vista como uma prática que respeita as diferenças, valorizando o diálogo, dando ênfase que o conhecimento se constrói em uma parceria entre os indivíduos e o mundo. Dessa forma, o educador tem como função estimular o aprendizado e tornar sua identidade sensibilizada para reconhecer os conhecimentos prévios, a visão de mundo que o educando traz para o espaço escolar, este por sua vez deve assumir-se como ser histórico e social, ser pensante e transformador de sua história.

Palavras-chave: Pedagogia, Diversidade, Estudantes, Educador, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A elaboração deste artigo partiu da tentativa de compreender a Pedagogia como ciência da educação necessária à levantamento de reflexões, princípios e proposições educativas na sociedade atual, historicamente marcada pela pluralidade de demandas e novas configurações em torno dos processos de ensinar e de aprender a lidar com a diversidade étnico racial e os desafios que ela nos traz na relação com o outro.

Diante dessas questões, surge a seguinte indagação: *De que maneira as escolas estão possibilitando uma educação dialógica, ética e libertadora que respeite a*

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Especialização em Educação Especial (em andamento) Uninassau – Maceió, lidianecosta_sc@hotmail.com;

² Mestrando em Educação pela PPGE-UFAL, Bacharel em Direito pela Faculdade FAMA, Licenciado em Pedagogia pela Uninassau-Maceió e Especialista em Gestão Educacional pela mesma Instituição, douglaseducador@hotmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, especialista em Formação de professores da EJA, e Especialização em Educação Inclusiva – CEDU/UFAL, vccavalcante1@hotmail.com.



diversidade dos estudantes, sobretudo dos jovens? Para tanto, partimos de uma pesquisa bibliográfica de autores, livros, sites e periódicos que abordem essa temática.

Utilizamos nessa pesquisa o percurso metodológico da pesquisa bibliográfica que para Gil (2002, pg. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Podemos concordar que a pesquisa bibliográfica é baseada em livros e outros escritos. A discussão que surge é a continuação da afirmação de autores que já dissertaram sobre o tema.

Nessa perspectiva, este artigo objetiva abordar a prática pedagógica contemporânea no contexto das seguintes vertentes pré-estabelecidas, a saber: processos de ensino-aprendizagem, relação dialógica entre professor e aluno face à diversidade cultural dos estudantes. Compreende-se ainda que a pedagogia ao longo dos anos vem sofrendo novas modificações, e a escola/professor busca atingir de maneira eficiente esses desafios contemporâneos.

Diversidade aqui entendida como variedade, diferença e multiplicidade, três questões que não se constroem no vazio e nem se limitam a ser nomes abstratos. Elas se constroem no contexto social e, sendo assim, a diversidade pode ser entendida como um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço e se torna uma questão cada vez mais atual e presente nas escolas (GOMES, 2007).

Desta forma, é indispensável que haja uma compreensão da realidade do professor e aluno, cada um chega à escola com uma visão de mundo diferenciada do outro, pois advém de suas vivências, seja qual for suas particularidades voltada para a cultura, religião e costumes próprios. No entanto, o professor, muitas vezes não tem formação suficiente para lidar com diferentes culturas na sala de aula, neste sentido o ideal seria que o professor tivesse uma formação adequada para lidar com os sujeitos que estão chegando na escola e compreender se os processos de formação continuada contribuem para a construção de uma prática pedagógica que valorize a questão racial/inclusiva na escola como também o multiculturalismo.

Dentro desse contexto, ressaltamos que Paulo Freire nos ensina que a educação para os oprimidos deve reconhecer a realidade, a linguagem, o saber do povo, de modo que sem respeito, humildade e amor ao mundo, à vida e aos homens, não é possível o diálogo no espaço escolar. É necessário perceber a importância que o outro carrega consigo, e quem é o outro na educação. [...] “A educação é comunicação, é diálogo” Freire



(1987, p. 69). Conforme Freire, ensinar é criar possibilidade para a estruturação do conhecimento e não apenas transferência, e o diálogo traz consigo essa construção de saberes, o respeito e o envolvimento com o outro sujeito.

METODOLOGIA

Conforme mencionamos, este trabalho se configura com um percurso baseado em uma pesquisa bibliográfica, e nessa perspectiva Oliveira (2007), afirma que a pesquisa bibliográfica, corresponde a uma modalidade de estudo e de análise de documentos de domínio científico, sendo sua principal modalidade o contato direto com documentos relativos ao tema em estudo, ciente que o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico.

Na pesquisa bibliográfica o pesquisador conhece o material escrito e adquire a liberdade para criticar, discutir e acrescentar, tendo em vista que as obras são para refletir sobre a construção do conhecimento e reafirmar conceitos e ideias já formulados.

Flick (2009, p. 62) estrutura a pesquisa bibliográfica em quatro eixos:

A literatura teórica sobre o tema a ser estudado; leitura de pesquisas empíricas realizadas anteriormente sobre o tema, ou similares; literatura sobre metodologia da pesquisa; literatura teórica e empírica para a contextualização, comparação e generalização das descobertas.

Com base na pesquisa bibliográfica e com a abordagem qualitativa, trataremos nas próximas linhas sobre o papel do educador e sua atuação – frente aos desafios das diversidades dos educandos.

EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: REFLEXÕES SOBRE AS DIVERSIDADES DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

A contemporaneidade nos remete a algo que passou por diversas transformações, no espaço escolar temos urgência na formulação de práticas pedagógicas, de novos currículos e de metodologias, de formas de avaliação que promovam a inclusão e a visibilidade desses sujeitos. Gomes (2007, p.18) nos ajuda a compreender,



Os currículos e práticas escolares que incorporam essa visão de educação tendem a ficar mais próximos do trato positivo da diversidade humana, cultural e social, pois a experiência da diversidade faz parte dos processos de socialização, de humanização e desumanização. A diversidade é um componente do desenvolvimento biológico e cultural da humanidade. Ela se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representações do mundo, experiências de sociabilidade e de aprendizagem. Todavia, há uma tensão nesse processo.

Dentro deste contexto, ressaltamos que a escola atual vive e experimenta a diversidade que se materializa nos saberes, fazeres, práticas e culturas. Nessa escola diariamente reúnem-se diferentes sujeitos, marcados por distinções de raça, etnia, classe social e econômica, gênero, orientação sexual, composição familiar, pertencimento religioso, diferenças físicas, deficiências de todas as perspectivas, diferenças geracionais entre outros marcadores que aqui não vamos elencar.

A diversidade, portanto, faz parte do acontecer humano, Gomes (2007, p.17):

[...] a diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as comumente chamadas de “portadoras de necessidades especiais”). Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade.

Sendo assim, trabalhar com a diversidade na escola não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI. Na realidade, a cobrança hoje feita em relação à forma como a escola lida com a diversidade no seu cotidiano, no seu currículo, nas suas práticas faz parte de uma história mais ampla. Tem a ver com as estratégias por meio das quais os grupos humanos considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que as mesmas sejam tratadas de forma justa e igualitária, desmistificando a ideia de inferioridade sobre algumas dessas diferenças socialmente construídas e exigindo que o elogio à diversidade seja mais do que um discurso sobre a variedade do gênero humano, Gomes (2007, p.22).

No entanto, percebe-se que é notório o quanto alunos e professores são massacrados mediante a falta de empatia, respeito, percebe-se que não existe uma compreensão voltada para o contexto familiar, para sua realidade e visão de mundo, isso é a diversidade atônita em busca de espaço. É assim que vive a escola, que se reinventa,



que sofre, que faz sofrer, se debate e faz valer a inclusão para uns e a exclusão para outros. Conforme conceitua Gusmão (1997, p. 92):

O desafio da escola e dos projetos educativos que orientam nossa prática está no fato de que, para compreender a cultura de um grupo ou de um indivíduo que dela faz parte, é necessário olhar a sociedade onde o grupo ou o indivíduo estão e vivem. É aqui que as diferenças ganham sentido e expressão como realidade e definem o papel da alteridade nas relações entre os homens.

Concordando com essas afirmações entendemos que necessitamos guiar-nos na organização dos currículos, nas práticas pedagógicas pela lógica dos educandos como sujeitos do direito à formação plena, respeitada a especificidade de cada tempo de vida, sendo assim, precisamos reorganizar radicalmente o que ensinar e o que aprender a partir das diversidades dos estudantes (ARROYO, 2007).

Para Gomes (2007), a relação entre diversidade, conhecimento e escola veio pra ficar, de modo que essa relação não diz respeito apenas a mudanças teóricas de abordagens e pensamentos, mas principalmente na mudança da forma como o sujeito pertencentes a coletivos sociais diversos são tratados como desiguais nas relações de poder na sociedade, e como esses sujeitos hoje participam, interferem e ocupam os espaços das escolas públicas e nos desafia a uma outra produção de conhecimento mais participatória, e entender que os outros grupos sociais também produzem conhecimento e um outro tipo de reflexão teórica nas mais diversas áreas.

É necessário que haja um novo olhar para o outro, para as suas diversas identidades e diferenças, um olhar de empatia, sensibilidade e acima de tudo, um olhar de respeito, para que o outro se sinta integrante do grupo em ação e que a sua voz seja ouvida, que tenha a oportunidade de questionar e expor seus anseios e inquietações.

Entendemos que vem crescendo as sensibilidades nas escolas para com as identidades dos educandos e educadores, percebemos que implementar o diálogo se faz necessário para haver uma maior harmonia no espaço escolar. Neste contexto, há que se ressaltar que a identidade de professor necessita sensibilizar-se diante da realidade e perfil dos educandos, que segundo Arroyo (2004, apud ARROYO, 2007, p. 20):

Ao mesmo tempo em que os educadores têm novas sensibilidades sobre si mesmos e sobre suas identidades, mudanças significativas vêm acontecendo nas identidades dos educandos. Também são “outros”, como crianças e adolescentes, como jovens e adultos. As identidades dos educadores sempre se conformaram em diálogo, até tenso, com as identidades dos educandos. Estamos em um desses momentos tensos.



Assim, diariamente somos desafiados na escola a aprender a conviver com as diferenças do outro e buscar compreender que a identidade de cada indivíduo se constrói em determinado contexto histórico, social, político e cultural, visto que diversidade cultural e identidade andam lado a lado (GOMES, 2007).

Gomes (2007, p. 17), nos mostra sua concepção de diversidade:

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder.

Concordando com a autora acreditamos que a escola, sobretudo a pública, é o lugar onde as diferenças se encontram, e o professor deve se tornar mediador de conflitos diante dos debates apresentados, é preciso que o docente traga para a sala de aula vivências significativas, conteúdos que interessam os educandos, pois é necessário que as experiências sociais dos professores e dos alunos estejam presentes nos currículos, posto que mestres e educandos são sujeitos de conhecimento, cultura e valor, e sobre isso Arroyo (2013, p. 118), mostra-nos que “os docentes são pressionados a sair das grades curriculares e dos quintais de suas disciplinas e abrir-se à pluralidade de experiências, de indagações e de conhecimentos que elas carregam para incorporá-las”.

É necessário resgatar a função primordial do professor enquanto agente formador que oportuniza a construção e transformação dos alunos, desenvolvendo neles a concepção crítica e a cidadania.

Desta forma, a escola e o professor devem ter a função de acolher, ser um espaço afetivo na atenção com esses alunos, que em muitas vezes têm suas vidas atribuladas, propondo, portanto, estratégias que o façam refletir o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades para se tornar um cidadão consciente de suas ações.

Entretanto, o que se observa no Brasil é a negligência do Estado na adoção de políticas públicas educacionais, em um contexto de ameaças de consolidação dos direitos sociais, e que no atual cenário nacional percebe-se a necessidade de formação de educadores para que possam ampliar direitos e saberes dos educandos em situação de pobreza e vulnerabilidade social nos espaços escolares.



Nesse contexto, de acordo com Bourdieu (1998) a escola torna-se lócus disseminador da desigualdade à medida que desconsidera as diferenças individuais e coletivas dos educandos. Em outras palavras, uma educação que desenvolva a criticidade e autonomia dos educandos, por isso no espaço escolar necessita-se reconhecer a individualidade de cada um.

Na tentativa de romper com essa perspectiva, surgem indagações sobre o currículo presentes nas escolas e na teoria pedagógica que nos mostram um primeiro significado: a consciência de que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. (GOMES, 2007, p. 9). As discussões sobre currículo incorporam, com maior ou menor ênfase, debates sobre os conhecimentos escolares, os procedimentos pedagógicos, as relações sociais, os valores e as identidades dos nossos alunos e alunas. (GOMES, 2007, p. 23). Enfatiza-se, portanto, que a arte de educar requer uma parceria entre família, escola/ Estado e sociedade.

EDUCAÇÃO FREIREANA: REFLEXÕES DIANTE DAS DIVERSIDADES DOS ESTUDANTES

A diversidade dos educandos, no âmbito étnico cultural, é uma preocupação recente no espaço escolar, como pôde ser percebido na leitura das seções anteriores. Dentro desse contexto entendemos que o diálogo é um dos principais caminhos para que a escola possa avançar no processo de Educação emancipadora diante das diversidades dos estudantes, neste sentido Paulo Freire nos traz grandes reflexões na importância do que venha ser o diálogo, conforme expõe:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo, (FREIRE, 1987, p. 25).

Diante dos ensinamentos freireanos, entende-se que um problema a ser enfrentado nas escolas brasileiras é que não se tem profissionais preparados para receber crianças, jovens e adultos com suas diversidades, sejam elas de cor de raça, gênero, ou que apresentem alguma limitação cognitiva, mental ou física e por outro lado, temos pais que sequer conhecem os direitos garantidos em lei.



Falar sobre diversidade e diferença implica posicionar-se contra processos de colonização e dominação. É perceber como, nesses contextos, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas sendo, portanto, tratadas de forma desigual e discriminatória. É entender o impacto subjetivo destes processos na vida dos sujeitos sociais e no cotidiano da escola. É incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos das escolas os saberes produzidos pelas diversas áreas e ciências articulados com os saberes produzidos pelos movimentos sociais e pela comunidade (GOMES, 2007).

Considerando esse contexto, entende-se que educação deve cumprir sua função libertadora, cabendo ao professor mediar com os sujeitos cognoscentes uma mudança real na realidade opressora que os cercam de caráter domesticador (Freire, 2018). Ao lermos Freire nos deparamos com algo que ainda é muito atual, onde a relação de opressor e oprimido ainda é muito forte, principalmente no campo educacional.

Quando falamos na relação entre oprimido e opressor nos arremetemos a uma série de injustiças e aprisionamentos, em um ambiente que deveria e deve ser libertador. Na visão de Freire é necessária uma pedagogia libertadora, onde o educador e o educando possam destruir uma relação vertical e construir uma relação horizontalizada, assim, o professor é visto como mediador no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Morin (2011), no tocante a educação há que se formar um “novo cidadão” que entenda sua realidade e o mundo, para que esse sujeito possa atuar na sociedade de maneira consciente. Nesse contexto, o professor não é aquele que apenas ensina, mas ele é o que estimula a aprendizagem.

Nessa perspectiva, o livro a Pedagogia da autonomia nos mostra como o professor deve conduzir o próprio trabalho docente, e de como deve organizar seu pensamento como docente, enumerando as características importantes para que o professor desenvolva no seu aluno a autonomia, assim Freire (1996, p. 25) fala que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Só existe o ensino quando este resulta num aprendizado em que o aprendiz se tornou capaz de recriar ou refazer o ensinado, ou seja, em que o que foi ensinado foi realmente aprendido pelo aprendiz.

Concordando com Freire entendemos que o educador democrático crítico, em sua prática docente, deve favorecer a capacidade de crítica do educando, sua curiosidade, sua



insubmissão. Trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar dos objetos cognoscíveis, é uma de suas tarefas primordiais.

Já Arroyo (2013, p. 24) fala que, “os alunos nos exigem pensar, dar conta de sua educação, somos obrigados a aprender o que nem sempre aprendemos nos cursos de formação, de licenciatura ou de pedagogia – a sermos educadores(as)”.

Por isso o educador precisa ser um educador criador, instigador, inquieto, rigorosamente curioso, humilde e persistente. Deve ser claro para os educandos que o educador já teve e continua tendo experiência de produção de certos saberes e que estes não podem ser simplesmente transferidos a eles. Assim, educador e educandos, lado a lado, vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber.

O ideal então seria agir como nos ensinou Freire (1996, p.15):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade?

Assim, o papel do professor é o de estimular o aprendizado, entendendo que a escola é lugar e espaço privilegiado para pensar, e que o ato de educar significa reconhecer que juntos, alunos e professores aprendem nas escolas, já que todos trazem muitos conhecimentos das experiências que já vivenciaram. Dessa forma, o papel do aluno é assumir-se como ser histórico e social, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de utopias.

Então, professores e alunos podem perceber criticamente as razões que condicionam as situações nas quais se encontram como caminho para decisões, escolhas e intervenções, além disso, ensinam e aprendem simultaneamente, conhecem o mundo em que vivem e constroem relações de respeito mútuo, de justiça, constituindo um clima real de disciplina, por relações dialógicas, tornando a sala de aula um desafio interessante e desafiador a todos os envolvidos, como sugere Freire (1996, p. 38) quando afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Compreendendo, que os educandos devam ser os sujeitos centrais da ação educativa, e que foram eles, articulados ou não em movimentos sociais, que trouxeram a luta pelo direito à diversidade como uma indagação ao campo do currículo. (GOMES,



2007, p. 26). Esses movimentos sociais e culturais questionam currículos, interferem na política educacional/organizacional, reproduzem mudanças nos projetos pedagógicos, ou seja, possuem uma função primordial na configuração da sociedade.

É notório que existe uma nova sensibilidade nas escolas públicas, sobretudo, para a diversidade e suas múltiplas dimensões na vida dos sujeitos. Sensibilidade que vem se traduzindo em ações pedagógicas de transformação do sistema educacional em um sistema inclusivo, democrático e aberto à diversidade. (GOMES, 2007).

A relação de tensão entre aluno-professor, se imaginarmos a autoridade docente é decisiva autoritarismo, não. Mas a autoridade docente tem a responsabilidade por conduzir um processo pedagógico no qual está incluso também o ensino e a aprendizagem isso significa que eu tenho que fazê-lo para cumprir a minha tarefa de modo mais coerente possível e um dos elementos da eficiência na aprendizagem é a alegria, é o afeto, é a capacidade de prazer naquilo que se faz. Conforme Freire (1996): “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades ao aluno para sua própria construção”.

Diante dos fatos expostos, compreende-se que ensinar exige uma série de requisitos, dentre eles a pesquisa, sendo necessário conhecer algo desconhecido para comunicar o novo, pois é imprescindível deixar respostas inacabadas para que vá em busca de conhecimento. Ciente que o ensinar exige respeito aos saberes do educando, levando em consideração seus saberes prévios, discutindo os problemas por eles vividos para que haja uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que possuem como indivíduo, sendo a educação a ferramenta de transformação para qualquer cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos refletir sobre o papel da escola na atualidade, diante das diversidades dos educandos, Tendo em vista a necessidade de que todos, dentro do espaço escolar, se conscientizem de que o educador e o educando devem sempre utilizar o diálogo como troca de conhecimento, para que haja troca de saberes, e que se permitam adquirir um olhar empático, respeitando as experiências do outro. No tocante ao educador especificamente, ele necessita reconhecer a visão de mundo que os educandos adquirem



com suas vivências diárias, reconhecendo a individualidade, suas histórias e culturas, ensinando e aprendendo a conviver com as diferenças do outro.

Entende-se que diversidade humana, como explicitamos, passou a receber ênfase, nos processos educativos, na contemporaneidade, a partir do reconhecimento de práticas, valores, conhecimentos, dentre outros, que passaram a valorizar todos os tipos de experiências de sociabilidade.

Trata-se do momento atual, em que a escola experimenta novos fazeres, reconhecendo a pluralidade de sujeitos com seus diferentes valores, origens, classes sociais, raças, tipos familiares. Isso significa que toda escola deve ter em suas políticas o respeito as singularidades dos educandos, reconhecendo a variedade do gênero humano. Configurando-se como um verdadeiro desafio, de reconhecer as diferenças de forma positiva, como expressão da realidade.

Sob o prisma Freireano, entende-se que a educação deve ser vista como uma prática que respeita as diferenças, em contraposição a educação tradicional, trabalhada a partir da concepção de educação bancária – como instrumento de opressão. Deve-se dar ênfase ao conhecimento que é construído a partir da relação entre indivíduos e o mundo, numa relação de dialogicidade. A educação deve desenvolver a consciência intencionada ao mundo, em que os sujeitos se tornem capazes de perceber a realidade em que estão inseridos para buscar soluções para os problemas sociais.

Neste contexto, os conteúdos não devem ser vistos como prescrição, ou como uma imposição aos educandos, mas como uma devolução organizada e sistematizada de elementos a serem construídos coletivamente, Freire (1996) afirma que dentro e fora da sala de aula, enquanto processo civilizatório. Diante das diferenças entre os educandos, uma educação inclusiva deve partir do respeito às individualidades e especificidades dos discentes, promovendo-se a equidade e reduzindo as desigualdades entre os indivíduos. Esse é um papel da escola, da família, da sociedade e do próprio Estado.

São inúmeros os desafios dos educadores nesse contexto, não se pode desconhecer a influência dos processos de colonização e dominação, que levaram, no contexto brasileiro, a grandes níveis de desigualdade econômica, cultural e social que se refletem na escola. O olhar para o outro se torna essencial para expor e superar os grandes problemas da sociedade brasileira, reconhecendo-se as diferenças com sensibilidade, empatia e respeito.



O professor tem um papel muito importante nesse contexto, de agente formador e transformador, que auxilia no processo de desenvolvimento da visão crítica do aluno, ciente de que é um mediador. A escola também tem sua função primordial, que é ser um espaço que reconheça a pluralidade de experiências e atitudes. Para que isto ocorra, a formação dos professores deve ter uma formação mais abrangente e ênfase no reconhecimento da diversidade, e a escola deve ter esse reconhecimento na base de suas políticas institucionais.

Os currículos não podem ser vistos como conhecimentos que têm de ser repassados, pura e simplesmente, do professor ao aluno, mas como conhecimentos que devem incorporar as diferenças individuais, os valores, identidades, as relações sociais, cuja construção deve observar, necessariamente, as capacidades de cada um.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, Território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Indagações Sobre Currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BURDIEU, Pierri. **Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GUSMÃO, Neusa M. **Antropologia e educação: origens de um diálogo**. Cadernos CEDES, v. 18, n. 43, p. 8-25, 1997.

MORIN, Edgar: **A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber** coleção: Educação e Conhecimento. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, M. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.